A photograph of a Buddha statue in a park-like setting. The statue is the central focus, partially obscured by dark green foliage in the foreground. The background shows a clear sky with a few light clouds. The overall tone is peaceful and serene.

Ven. Dr K. Sri
Dhammanada

*Buddhismo como
religião*

Edições Nalanda

Buddhismo como Religião

Venerável K. Sri Dhammananda



Edições Nalanda, 2023

Belo Horizonte

Copyright original © 1994 pelo autor, do título original: Buddhism as a Religion

Copyright © 2023 Edições Nalanda, para a tradução em língua portuguesa, publicado para distribuição gratuita

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer maneira que seja sem a permissão escrita dos detentores do copyright, exceto no caso de breves citações com o objetivo de resenhas e referências. Por favor, não pirateie. Apoie nossos esforços em produzir mais livros de qualidade para o leitor de língua portuguesa.

Editor Geral: Ricardo Sasaki

Tradução: Matheus Lima

Foto da capa: © 2013 Ricardo Sasaki, Sri Lanka

Uma publicação do:

Centro de Estudos Buddhistas Nalanda

R. Albita 194/701 - Cruzeiro

Belo Horizonte - MG

30310-160 - Brasil

tel: (031) 99651.6369

<http://nalanda.org.br/> | email: nalanda@nalanda.org.br

Inscriva-se em nosso boletim para receber notícias por email sobre novos textos publicados em nossos sites, trechos e lançamentos de livros, eventos, cursos online. Enviamos no máximo 1 email por semana. Para se inscrever, envie um email para: nalanda@nalanda.org.br com o assunto “inscrição no boletim”.

Vários de nossos ebooks também podem ser obtidos em formato de livro impresso. Visite-nos neste link: [Edições Nalanda](#) ou peça por email: nalanda@nalanda.org.br

AGRADECIMENTOS

Em conjunto com a Celebração do Centenário da Sociedade Sasana Abhiwurdhi Wardhana, o Comitê de Gestão se sente honrado em poder publicar este livro, que é baseado em uma palestra sobre Dhamma intitulada “O que é Budhismo?”, proferida no Buddhist Maha Vihara pelo Venerável Dr. K. Sri Dhammananda Nayake Thera como parte de um curso de dez semanas sobre Religiões Mundiais.

Em resumo, o conteúdo desta publicação é uma simples exposição do buddhismo como um modo de vida moderno por este erudito altamente qualificado que tem um dom especial para interpretar o Dhamma para pessoas de todas as camadas da vida.

A Sociedade Sasana Abhiwurdhi Wardhana expressa humildemente sua gratidão e presta homenagem ao Venerável por seus incansáveis serviços em sua exposição do Dhamma e por prestar serviços inestimáveis à causa do buddhismo por mais de 42 anos neste país e em todo o mundo.

Estamos de fato orgulhosos de ter sido associados a alguém de seu calibre.

Em conclusão, a Sociedade deseja expressar seus sinceros agradecimentos ao Venerável Chefe, ao Sr. Vijaya Samarawickrama pelo trabalho editorial e ao Sr. Ooi Chooi Seng por transcrever a palestra da fita. Agradecimentos também são devidos à Sra. Chong Hong Choo, aos Srs. Jimmy C. S Lim, Alex Perera, Quah Swee Kheng, Eddy Yu Chen Lim e Bobby Sai pelos inestimáveis serviços prestados na publicação deste livro.

Que eles estejam bem e felizes!

Manoris H. Albert
Presidente

*Sociedade Sasana Abhiwurdhi Wardhana
Buddhist Maha Vihara,
123 Jalan Berhala, 50470
Kuala Lumpur, Malásia
25 de agosto de 1994*

BUDDHISMO COMO RELIGIÃO

Visto que já existem tantas religiões neste mundo, por que é necessário que tenhamos outra religião chamada buddhismo? Existe alguma característica extraordinária, contribuição ou característica significativa que o buddhismo tem que outras religiões não têm? Existe uma escola de pensamento que diz que todas as religiões são essencialmente iguais. Não há diferenças significativas. A única diferença está na interpretação e na prática. Afinal, em última análise, todos nós terminamos em um só lugar, o céu ou o inferno. Essa é a crença comum da maioria das religiões. O buddhismo compartilha desse ponto de vista? Para responder a esta pergunta, temos de examinar o que se entende por religião.

Definição

No estudo acadêmico da religião como fenômeno histórico, o termo 'religião' pode ser considerado em seus diferentes aspectos: como a experiência interior, como teologia ou formulação intelectual da doutrina, como fundamento ou fonte da ética, e como elemento da cultura.

Diferentes estudiosos deram diferentes pontos de vista e opiniões sobre sua natureza e significado. De acordo com Aldous Huxley, a religião é, entre outras coisas, um sistema de educação, por meio do qual os seres humanos podem treinar a si mesmos, primeiro para fazer mudanças desejáveis em suas próprias personalidades e na sociedade e, segundo, para aumentar a consciência e assim estabelecer mais relações adequadas entre si e o universo do qual fazem parte. Filósofos indianos modernos, como o Dr. Radhakrishnan, expuseram o tema de que a religião não é um conjunto de doutrinas, mas é experiência. E a experiência religiosa se baseia na

percepção da “presença do divino no homem”. H.G. Wells diz que “a religião é a parte central de nossa educação que determina nossa conduta moral”. O filósofo alemão Kant afirmou que “religião é o reconhecimento de nossos princípios morais como leis que não devem ser transgredidas”.

A mensagem do Buddha, como um modo de vida religioso, é: “Afastar-se de todas as más ações, cultivar a vida fazendo boas ações e purificar a mente das impurezas mentais”. Para nossos propósitos, a religião pode ser definida em um sentido muito amplo como um corpo de ensinamentos morais e filosóficos e a aceitação com confiança de tais ensinamentos. Nesse sentido, o buddhismo é uma religião.

O buddhismo, no entanto, não se encaixa perfeitamente nas categorias gerais descritas anteriormente porque não compartilha características comuns com outras religiões existentes de muitas maneiras. Para considerar melhor este assunto, vamos primeiro examinar brevemente como a religião pode ter surgido.

Começos

Por que a religião se originou? Você deve ter ouvido que as origens da religião estão no medo, na suspeita e na insegurança do homem. Nos dias anteriores ao início das religiões organizadas, as pessoas não tinham conhecimento adequado e não conseguiam entender a verdadeira natureza desta vida e o que aconteceria com elas após a morte. Elas não conseguiam entender nem mesmo as causas dos fenômenos ou ocorrências naturais. De acordo com sua compreensão limitada, elas suspeitavam que devia haver certas forças desconhecidas que criavam todas essas coisas agradáveis ou desagradáveis. Eventualmente, elas começaram a perceber que há uma energia por trás das forças da natureza que elas chamaram de ‘shakti’. Elas experimentaram uma sensação inexplicável de admiração e pavor em relação a esses poderes que elas sentiram que poderiam prejudicá-las de alguma forma. Elas, portanto, sentiram que esses poderes devem ser aplacados e usados para protegê-las ou pelo menos deixá-las em paz. Não confiando em sua capacidade de ‘conversar’ com essas forças em linguagem comum, elas pensaram que seria mais eficaz imitar suas

mensagens. Finalmente, as ações para obter o favor dessas forças tornaram-se ritualizadas em formas de adoração. Algumas pessoas foram identificadas como tendo poderes especiais para se comunicar com essas forças e gozaram de grande poder no grupo.

Depois de adorar e orar, os primeiros homens pensaram que poderiam controlar as ocorrências indesejáveis e, ao mesmo tempo, garantir um grau de proteção como recompensa dessas forças ou energias invisíveis. Para ajudá-los a visualizar melhor com o que eles estavam tentando se comunicar, eles deram a cada força um nome e uma forma, concebendo-as em forma humana ou grotesca não-humana, mas sempre evocando um sentimento de admiração e medo. Com o passar do tempo, eles esqueceram o significado original dessas representações e as tomaram como reais e acabaram aceitando-as como divindades.

Diferentes culturas traduziram ideias e conceitos em forma física e desenvolveram rituais específicos para honrar e adorar essas imagens como deuses. Mais tarde, quando os primeiros assentamentos urbanos começaram e o controle social se tornou necessário, certas práticas foram usadas como base para desenvolver o comportamento moral e orientar os cidadãos no caminho correto para garantir o bem-estar da comunidade. Assim se desenvolveu conceitos como humanismo, responsabilidades humanas e valores humanos como honestidade, bondade, compaixão, paciência, tolerância, devoção, unidade e harmonia. Para garantir que essas qualidades fossem aprimoradas, os líderes instilaram medo nos crentes, ameaçando-os com punição pelos deuses na vida futura se não se comportassem de maneira aceitável. A religião foi o resultado da fusão do comportamento moral e da crença no sobrenatural. Discutiremos a Moralidade com mais detalhes posteriormente.

Conceito de Deus

Foi assim que a imaginação e o humanismo acabaram se fundindo para se tornarem religião. Algumas pessoas dizem que é difícil acreditar que algum deus criou a religião. Talvez possamos dizer que o homem criou a religião e mais tarde introduziu o conceito de deus na religião. Um filósofo

americano, Prof. Whitehead, afirmou certa vez que originalmente o homem criou deus e mais tarde deus criou o homem. O que ele quis dizer é que o conceito de deus foi criado pelo homem e depois esse conceito foi transformado em divindade. Por outro lado, um filósofo francês, Anatole France, disse que se o conceito de deus não existisse, de uma forma ou de outra, o homem o teria criado porque é muito importante para sua psique. Um poder divino é necessário para aliviar nosso medo inato, suspeita, preocupações, perturbações, ansiedade, desejo. Para evitar problemas, dependemos de uma força externa para nos dar consolo. Conhecendo a natureza da mente humana, portanto, Anatole France disse que se um deus não existisse, teríamos que criar um.

Nesse sentido, somos como crianças. Quando um bebê pequeno está chorando e a mãe está ocupada demais para carregá-lo, o que ela faz é colocar uma chupeta em sua boca para confortá-lo. Isso fará com que o bebê pare de chorar. O conceito de deus ajuda muitas pessoas dessa maneira. Para parar suas preocupações e secar suas lágrimas, elas desenvolvem várias chupetas na forma de crenças e práticas religiosas.

O Buddha

Foi em um clima religioso como esse que o Buddha apareceu. Como um príncipe vivendo no luxo, ele começou a pensar profundamente sobre porque os seres vivos sofrem neste mundo. Qual é a causa desse sofrimento? - ele perguntou. Um dia, enquanto ele estava sentado debaixo de uma árvore quando menino, ele viu uma cobra aparecer de repente e pegar um sapo. Enquanto a cobra e o sapo lutavam, uma águia desceu do céu e levou embora a cobra com o sapo ainda na boca. Esse incidente foi o ponto de virada para o jovem príncipe renunciar à vida mundana. Ele começou a pensar em como os seres vivos na terra e na água sobrevivem atacando uns aos outros. Uma forma de vida tenta agarrar, e a outra tenta escapar; e esta batalha eterna continuará enquanto o mundo existir. Esse processo interminável de caça e autopreservação é a base de nossa infelicidade. É a fonte de todo sofrimento. O príncipe decidiu que descobriria os meios para acabar com esse sofrimento.

Renúncia

Ele estudou com vários professores religiosos e aprendeu tudo o que eles tinham para ensinar, mas não conseguiu descobrir como acabar com o sofrimento. Ele passou muitos anos refletindo sobre essa questão. Finalmente, aos 29 anos, ele refletiu seriamente sobre a velhice, doença, morte e liberdade através da renúncia, e decidiu que sem desistir de suas preocupações mundanas e de suas responsabilidades e prazeres seria impossível para ele encontrar a resposta. É por isso que ele teve que deixar o palácio no que é conhecido como “A Grande Renúncia”. Depois de se esforçar por seis anos, que representaram a culminação de ciclos intermináveis de cultivo e luta pelo desenvolvimento espiritual, ele finalmente alcançou a iluminação e compreendeu o segredo de nosso sofrimento. Este foi o começo de outro ‘sistema religioso’. Mas era uma religião como nada que alguém tivesse conhecido no passado. Na verdade, muitas pessoas hoje nem mesmo gostam de chamar o buddhismo de religião, porque a palavra ‘religião’ evoca muitas emoções negativas em suas mentes.

Crenças e Práticas na Índia Antiga

Não havia nenhuma razão para o Buddha introduzir outra religião porque naquela época, 2.600 anos atrás, já havia 62 cultos religiosos somente na Índia. Como as religiões existentes em seu tempo não podiam fornecer as respostas às suas perguntas, ele decidiu não usar os ingredientes ou conceitos dessas religiões para introduzir o que ele mesmo havia percebido. Qual era o pensamento religioso na Índia na época? “Deus criou todos; Deus é responsável por tudo; Deus recompensará; Deus pode perdoar todos os nossos pecados; e Deus é responsável por nossas vidas após nossa morte; Deus nos enviará para o céu ou nos enviará para o inferno”.

Esses são os ingredientes básicos de todas as religiões até hoje. Ao mesmo tempo, havia outras religiões também na Índia que ensinavam que era necessário que os crentes torturassem seus corpos físicos, pensando que poderiam lavar todos os seus pecados durante suas vidas para que pudessem ir para o céu após a morte. Outro grupo religioso encorajou ritos e rituais

religiosos e cerimônias e sacrifícios de animais para agradar seus deuses. Este grupo acreditava que através dessas práticas eles poderiam ir para o céu. Alguns outros introduziram novamente a oração e a adoração e pediram perdão pelos pecados cometidos. O Buddha não reconheceu a eficácia de todas essas práticas.

O Buddha fez alguma promessa?

O Buddha não prometeu bênçãos e recompensas celestiais para aqueles que se diziam seus seguidores, nem prometeu salvação para aqueles que tinham fé nele. Para ele, a religião não era uma barganha, mas um modo de vida nobre para obter iluminação e salvação. O Buddha não queria seguidores com fé cega; ele queria que os seres humanos pensassem e entendessem. O budhismo é um caminho nobre para viver onde o humanismo, a igualdade, a justiça e a paz reinam supremos. Vingança, animosidade, condenação e ressentimento são estranhos ao Ensino.

O mundo está em dívida com o Buddha pela ascensão do racionalismo como um protesto contra as superstições da religião. Foi ele quem emancipou o homem da servidão dos sacerdotes. Foi ele quem primeiro mostrou o caminho para libertar o homem das amarras da hipocrisia e da ditadura religiosa.

Na época do Buddha nenhuma prática religiosa era considerada superior aos ritos, rituais e sacrifícios de seres vivos aos deuses; mas para o Buddha nenhuma prática poderia ser mais humilhante ou degradante para o homem. Um sacrifício nada mais é do que suborno; e a salvação conquistada por suborno e corrupção não é uma salvação que qualquer homem que se preze gostaria de obter.

Terminologia religiosa

Mas, ao apresentar sua doutrina, o Buddha usou os termos religiosos existentes na Índia da época porque, dessa forma, estaria em terreno familiar com seus ouvintes. Eles entenderiam o que ele estava aludindo e então ele poderia desenvolver suas ideias originais a partir desse terreno comum.

Dharma, Karma, Nirvāna, Moksha, Nirāya, Samsāra, Atma são algumas palavras comuns a todos os grupos religiosos de sua época. Mas em seus ensinamentos, o Buddha deu significados e interpretações muito racionais e únicos a esses termos religiosos existentes.

Dharma

Vamos dar uma olhada na palavra *dharma* (ou *dhamma*), por exemplo. A antiga interpretação dada à palavra *dharma* é que é uma lei dada por deus. De acordo com a crença antiga, o deus prometia aparecer de tempos em tempos para proteger esse *dharma*, assumindo diferentes encarnações. O Buddha não aceitava que qualquer deus pudesse ter dado doutrinas, mandamentos e leis religiosas. O Buddha usou a palavra *dharma* para descrever todo o seu ensinamento. *Dharma* significa aquilo que mantém, sustenta, apoia.

O Buddha ensinou o *dharma* para nos ajudar a escapar do sofrimento causado pela existência e para nos impedir de degradar a dignidade humana e descer a estados inferiores, como reinos infernais, animal, espírito ou fantasmas ou reinos demoníacos. O *dharma* introduzido pelo Buddha nos mantém e nos apoia, e nos liberta da miséria desses reinos. Também significa que, se seguirmos os métodos que ele defende, nunca cairemos em circunstâncias infelizes como nascer cego, aleijado, surdo, mudo ou louco. Assim, no uso do Buddha, *dharma* é o conselho dado para nos apoiar em nossa luta para nos livrarmos do sofrimento e também para elevar os valores humanos. Os filósofos ocidentais descrevem o budhismo como um modo de vida nobre ou como ‘uma religião de liberdade e razão’.

O *Dharma* não é uma lei extraordinária criada ou dada por alguém. Nosso próprio corpo é *Dharma*. Nossa própria mente é *Dharma*; todo o universo é *Dharma*. Ao compreender a natureza do corpo físico e a natureza da mente e as condições mundanas, realizamos o *Dharma*. O Buddha nos ensinou a entender a natureza de nossa existência de forma racional e realista. Diz respeito à vida, aqui e agora, de cada ser senciente e, portanto, de forma inter-relacionada com toda a existência.

Normalmente, quando as pessoas falam sobre religião, elas perguntam: “Qual é a sua fé?” Eles usam a palavra ‘fé’. O Buddha não estava interessado no desenvolvimento da ‘fé’ em sentido absoluto, embora possa ser útil nos estágios preliminares do desenvolvimento religioso de alguém. O perigo de confiar apenas na fé sem conhecimento analítico é que isso pode nos transformar em fanáticos religiosos. Aqueles que permitem que a fé se cristalize em suas mentes não podem ver o ponto de vista de outras pessoas porque já estabeleceram em suas mentes que aquilo em que acreditam é a única verdade. O Buddha insistiu que não se deve aceitar nem mesmo seus próprios Ensinaamentos com base apenas na fé. É preciso obter conhecimento e depois desenvolver a compreensão por meio do estudo, discussão, meditação e, finalmente, contemplação. Conhecimento é uma coisa, compreensão é outra. Se houver compreensão, a pessoa pode ajustar sua vida de acordo com as mudanças das circunstâncias com base no conhecimento que possui. Podemos ter encontrado pessoas eruditas que sabem muitas coisas, mas não são realistas porque seu egoísmo, seu auto centramento, sua raiva, seu ódio, não lhes permitem obter atitudes mentais imparciais e paz de espírito. Quando é necessário transigir, devemos saber transigir. Quando é preciso tolerar, devemos saber tolerar. Quando é preciso permanecer firme, devemos permanecer firmes, com dignidade.

Karma

Tomemos outro exemplo, a palavra *karma* (ou *kamma*). Significa simplesmente ação. Se uma pessoa comete um karma ruim, será impossível para essa pessoa escapar de seu mau efeito. De uma forma ou de outra, ele ou ela deve enfrentar as consequências que se seguirão. De acordo com a crença antiga, existe um deus para operar o efeito desse karma. Deus pune de acordo com o mau karma da pessoa; deus recompensa de acordo com o bom karma da pessoa. O Buddha não aceitou essa crença. Ele disse que não há ser ou força que manipule a operação dos efeitos do karma. O próprio karma produzirá o resultado, como uma operação neutra da lei de causa e efeito. Ele disse que podemos evitar e, em alguns casos, até superar o efeito do karma se agirmos com sabedoria. Ele disse que nunca devemos nos render fatalisticamente, pensando que, uma vez que tenhamos feito uma má ação, não haverá mais esperança. Outras religiões ensinam que deus pode

anular o efeito do karma por meio do perdão se os seguidores o adorarem, orarem e se sacrificarem. Mas o Buddha ensina que devemos efetuar nossa salvação por nosso próprio esforço e pureza mental. “O Buddha pode lhe dizer o que fazer, mas não pode fazer o trabalho por você.” Você tem que fazer o trabalho de salvação sozinho. O Buddha afirmou claramente que ninguém pode fazer nada por outro para a salvação, exceto mostrar o caminho. Portanto, não devemos depender de deus e nem mesmo do Buddha. Devemos saber quais são as qualidades, deveres e responsabilidades de ser um ser humano. Ele disse que, se cometemos certo karma ruim, não devemos desperdiçar energia preciosa ficando frustrados ou desapontados em nosso esforço para corrigi-lo.

A primeira coisa a fazer é determinar-se firmemente a parar de repetir esse karma ruim, percebendo o mal que ele pode causar. A segunda coisa é cultivar cada vez mais bom karma. Em terceiro lugar, devemos tentar reduzir os maus pensamentos, o egoísmo, o ódio, a raiva, o ciúme, os rancores e a má vontade. Desta forma podemos reduzir o mau efeito do karma ruim que cometemos. Este é o método do Buddha para superar os maus efeitos. Ele não disse que devemos orar e adorá-lo e que ele perdoaria todos os nossos pecados.

A pureza e a impureza de nossa mente dependem de nós mesmos. Nem deus, Buddha, nem ser humano podem poluir ou purificar a mente de alguém. Não posso criar impureza em sua mente, não posso purificar sua mente. Mas ao aceitar minha palavra ou minha ação, você cria pureza ou impureza dentro de si mesmo. Pessoas de fora não podem fazer nada por sua mente se ela for forte o suficiente para resistir. É por isso que o conhecimento e a compreensão são importantes.

O Buddha ensinou que o que o homem precisa para sua felicidade não é uma religião ou um amontoado de teorias, mas uma compreensão da natureza cósmica do universo e sua operação completa de acordo com as leis de causa e efeito. Até que este fato seja totalmente compreendido, a compreensão do homem sobre a vida e a existência permanecerá imperfeita e defeituosa. “O caminho que o Buddha nos mostrou é, acredito, o único

caminho que a humanidade deve trilhar se quiser escapar do desastre” -
Jawaharlal Nehru

Nirvāna

O Buddha nunca afirmou ter criado o Dharma. O que ele descobriu foi a verdade universal da natureza real da existência. Na verdade, alguns termos religiosos já eram bem conhecidos na Índia naquela época. Mas a singularidade do Buddha é que ele pegou os conceitos existentes e deu a eles significados muito refinados e um significado muito mais profundo.

Por exemplo, antes da época do Buddha, ‘Nirvāna’ (ou Nibbāna) significava simplesmente paz ou extinção. Mas ele deu a ela dimensões inteiramente novas de significado. ‘Ni’ significa “não” e ‘vāna’ significa “desejo”: Chega de desejo, chega de apego e chega de egoísmo. Não podemos experimentar o Nirvāna porque temos desejo, apego e egoísmo. Quando nos livramos dessas impurezas, podemos experimentar a bem-aventurança nirvânica. É difícil experimentar a verdadeira bem-aventurança porque temos emoções e ansiamos por gratificação sensorial. Enquanto vivermos enredados neste mundo de prazeres sensoriais, nunca experimentaremos a verdadeira felicidade. Claro que é verdade que experimentamos algum tipo de felicidade na vida, mas não pode ser chamada de ‘felicidade’ no sentido absoluto da palavra porque não é permanente.

Não podemos obter felicidade abrigando raiva ou ódio, egoísmo ou ilusão. Ocasionalmente, experimentamos certos graus de satisfação emocional, mas a natureza dessa felicidade é como um raio, é passageira. Aparece por um momento e desaparece no seguinte. A verdadeira bem-aventurança não é assim. Se houver felicidade verdadeira, experimentaremos uma sensação permanente de calma, satisfação e tranquilidade. Portanto, o verdadeiro propósito de nossas vidas deve ser purificar nossas mentes nubladas, iludidas e enganadas e nos libertar de preocupações e perturbações. Enquanto gastarmos nosso tempo constantemente resolvendo problemas, sempre olhando por cima dos ombros, sempre imaginando o que fazer a seguir, nunca estaremos em paz.

Desenvolver a Mente

O conselho do Buddha é de que devemos estar livres dessas distrações se quisermos experimentar a bem-aventurança. Essa libertação deve, no entanto, ser obtida por nosso próprio esforço e vir de dentro de nós mesmos. Não podemos ganhar a salvação de um deus, do Buddha ou do céu. Não podemos obter a liberdade final por meio de agentes externos. Os seres sobrenaturais não podem nos ajudar a obter sabedoria e libertação final, não importa o quanto os adoremos ou os louvemos por meio de penitências, encantos, mantras, encantamentos e invocações, e sacrifícios de animais.

“Somos o resultado do que fomos e seremos o resultado do que somos.” As ações condicionam nossa felicidade ou infelicidade e finalmente asseguram nossa salvação. A salvação ou libertação é um assunto individual, assim como cada ser humano tem que comer, beber, digerir e dormir por si mesmo. Todas as ações kármicas são mantidas como parte de nossas formações mentais e ali permanecem submersas. Permanecemos alheios a essas ações passadas porque as outras atividades mentais obscurecem a mente que, portanto, não pode recordar ações do passado. Quando desenvolvemos nossas mentes por meio da meditação, detemos as distrações fornecidas pelos cinco sentidos. Quando a mente está clara, reduz a ansiedade, o desejo, a raiva, o ciúme e a ilusão. A mente que está clara torna-se enérgica e alerta. É quando podemos influenciar as atividades mentais e liberar um enorme poder latente. Isso é poder psíquico. Está presente em todos nós: só temos que aprender a libertá-lo por meio da meditação. Outra forma de atingir as atividades mentais depositadas é pelo hipnotismo. Através do hipnotismo algumas pessoas desenvolveram um grau de poder psíquico, mas não é recomendado porque o hipnotismo depende de outro agente e não efetua a purificação da mente.

O Buddha aconselhou seus seguidores a cultivar e desenvolver o poder latente dentro deles e mostrou-lhes como fazer o melhor uso de sua força de vontade e inteligência sem serem escravos de um ser desconhecido para encontrar a felicidade eterna. Sem culpar ninguém, o buddhismo também ensina que o homem é responsável por sua própria ação. O homem deve enfrentar os fatos da vida e assumir as responsabilidades da vida cumprindo

seus deveres e obrigações para consigo mesmo e para com os outros. Suas dores e prazeres são criados por ele mesmo e ele tem a capacidade de se livrar de seus sofrimentos e manter a paz e a felicidade ao compreender suas fraquezas e usar seu próprio esforço para superá-las. A mente destreinada do homem é responsável por todos os problemas, calamidades, perturbações, circunstâncias desfavoráveis e até mesmo pelas mudanças de elementos e matéria. Por outro lado, a mente do homem pode mudar situações infelizes no mundo e também torná-lo um lugar pacífico, próspero e feliz para todos viverem. Isso só pode ser feito através da purificação da energia mental.

O Método do Buddha

A técnica de ensino do Buddha era diferente da dos outros. Ele nunca deu “palestras públicas” ou “conferências” preparadas. Ele sempre decidia um tópico com base em um incidente ou observação imediata. Uma das marcas do gênio do Buddha e sua habilidade como professor era sua prática pedagógica bem testada de proceder do “conhecido para o desconhecido”. Por exemplo, em uma ocasião, enquanto ele e seus seguidores caminhavam ao longo da margem de um rio, ele notou um pedaço de madeira flutuando rio abaixo. Ele parou e perguntou: “O que você acha desse pedaço de madeira? O que vai acontecer com ele?” Um discípulo respondeu: “Pode ficar em uma ilha no meio do rio”; outros disseram: “Pode ficar saturado de água e afundar”; “As pessoas vão pegá-lo e cortá-lo para lenha” e “Ele completará sua jornada até o mar”. Agora quem está certo? Quem pode prever com precisão o destino do pedaço de madeira? O Buddha então explicou que nossa vida é como um pedaço de madeira flutuando rio abaixo, cheio de incertezas. Ninguém pode dizer o que acontecerá conosco no dia seguinte ou no mês seguinte. Seu método era tirar lições da vida cotidiana para que seus ensinamentos estivessem sempre enraizados no aqui e agora e totalmente relevantes para a experiência humana. Desta forma, ele deu o devido crédito ao ser humano para pensar livremente, usando seu bom senso. Ele não introduziu uma religião a ser praticada servilmente por medo e desejo de qualquer ganho mundano.

De acordo com o Buddha, um pensamento e uma palavra bonitos que não são seguidos por uma ação correspondente são como uma flor brilhante que não tem perfume e não produz frutos.

O caminho óctuplo introduzido pelo Buddha é um curso planejado de cultura interior e progresso. Simplesmente recorrendo à adoração externa, cerimônias e orações, a pessoa nunca poderá progredir na retidão e no desenvolvimento interior. A mera oração para chegar à salvação, diz o Buddha, é como “pedir à margem mais distante de um rio para que se chegue ao outro lado sem esforço pessoal”.

Autodescoberta

Muitas religiões afirmam que as mensagens foram reveladas à humanidade por um deus. No entanto, alguns racionalistas perguntam, se existe apenas um deus, e ele deu sua mensagem para o benefício de toda a humanidade, por que existem tantas crenças diferentes no mundo? Se a mensagem se destinava a toda a raça humana, qual era a dificuldade do deus em anunciar sua mensagem publicamente para que não houvesse margem para dúvidas ou interpretações errôneas? Todos aceitariam a mensagem e não haveria atrito religioso e o mundo inteiro poderia apenas seguir a única mensagem do deus. Muitos anos atrás, houve um seminário religioso na Universidade da Malásia. Foram cinco palestrantes, um de cada religião. Depois de conversarem, um aluno perguntou: “Quando estudamos nossa religião, obtemos algumas informações sobre este mundo, o universo e a vida. Quando estudamos ciência, obtemos informações totalmente diferentes. Esta informação contradiz nossos conceitos religiosos. Então, eu não sei o que aceitar, o ensino da minha religião ou o ensino da ciência.”

Um dos palestrantes respondeu: “Bem, eu acredito que Deus deu suas doutrinas na forma de uma mensagem para um homem que depois a espalhou para outros, então devemos acreditar na palavra de Deus”.

Mas o aluno insistiu: “Como você sabe que as pessoas a quem esta mensagem foi transmitida a entenderam corretamente? Não poderia ter sido distorcido e mal interpretado em suas mentes e então passado para a posteridade?”

O Buddha, por outro lado, nunca reivindicou nada como receber conhecimento de fontes externas. Ao longo de seu ministério, ele sempre afirmou que seus ouvintes eram livres para questioná-lo e desafiar seus ensinamentos para que pudessem perceber pessoalmente a verdade. Ele disse: “Venha e veja” (*Ehipassiko*). Ele não disse “Venha e creia”.

Sempre que ele falava alguma coisa, era porque ele havia testado pessoalmente a validade do ditado por si mesmo como um ser humano comum. Ele não reivindicou nenhuma divindade. Ele entendeu tudo porque sabia como teve que sofrer durante tantos nascimentos anteriores por todas as más ações que cometeu por ignorância. Ele havia aprendido da maneira mais difícil. Ele aconselhou seus seguidores por meio de sua própria experiência. Ele prestou um tremendo serviço à humanidade praticando e observando as grandes perfeições (*paramis*) ao longo de incontáveis vidas e finalmente experimentou a felicidade suprema. Devemos nos perguntar o que é mais confiável, o testemunho de quem fala por experiência própria ou o de quem afirma tê-lo ouvido de alguém sempre invisível.

Liberdade de pensamento

O conselho do Buddha era não depender de teorias, de cultos e gurus. Na verdade, devemos permanecer sempre senhores de nós mesmos por meio da autoconfiança. Nunca devemos abrir mão de nossa dignidade ou livre arbítrio. O Buddha defendeu fortemente a doutrina da autoconfiança, pureza, cortesia, iluminação, paz e amor universal. Ele enfatizou a necessidade de compreensão porque sem ela não se pode obter o discernimento psíquico que conduz à sabedoria. Ele diz: “Se você deseja ver o fim de seu sofrimento e medo, desenvolva disciplina, compaixão e sabedoria”. Devemos sempre permitir que nossas mentes tenham liberdade para pensar e entender sem depender de influências externas. Aqueles que dependem dos outros são como crianças pequenas. Devemos seguir o exemplo do Buddha que disse que quando ele estava meditando para alcançar a iluminação, nenhum deus veio sussurrar em seu ouvido para revelar os segredos ocultos do poder espiritual. Ninguém lhe deu quaisquer mandamentos ou leis religiosas para serem divulgados. Ele disse: “Nunca tive nenhum professor ou divindade para me ensinar ou me dizer como

obter a iluminação. O que consegui, fiz com meu próprio esforço, energia, conhecimento e pureza para obter a sabedoria suprema.”

É por isso que ele disse que a sabedoria ‘surgiu’ nele em sua iluminação. A sabedoria está latente em todos nós. Precisamos apenas fornecer as condições adequadas para que ela surja.

Do conteúdo intelectual e filosófico do buddhismo surgiu a liberdade de pensamento, a liberdade de investigação. Isso não tem paralelo em nenhuma das religiões mundiais estabelecidas. Não há nenhuma obrigação, nenhuma compulsão para acreditar ou aceitar qualquer doutrina.

A abordagem do buddhismo é de ver e compreender — é uma atitude mental científica. As doutrinas filosóficas fundamentais ensinadas no buddhismo estão sendo cada vez mais corroboradas por novas descobertas científicas. O buddhismo defende a autoconfiança, o autocontrole, a autoconfiança e a autopurificação do indivíduo na sociedade.

Uma forte característica do buddhismo é a importância que atribui aos ideais democráticos. Discussões desimpedidas são encorajadas, onde até pontos de vista contrários são expostos e levam à ampliação e enriquecimento da mente. As ordens de monges e monjas são constituídas inteiramente sobre esses princípios democráticos.

Isso está de acordo com o Dharma revelado pelo Buddha Supremo, que teve a franqueza e a coragem de exortar seus seguidores a nem mesmo aceitar o que ele mesmo havia pronunciado, sem exame prévio e convicção. De fato, o Buddha havia declarado que o Dharma era seu professor e tudo o que ele fez foi revelar a verdade deste Dharma universal, que estava escondido das pessoas que se afundavam em sua ignorância. Devemos dar às nossas mentes a liberdade de pensar sem preconceitos e de forma independente.

Antes de sua morte, as palavras finais do Buddha foram “Seja um refúgio para si mesmo”. Por que depois de 45 anos de pregação ele proferiu tais palavras? Por que ele não aconselhou a todos que encontrassem a salvação por meio dele? O que ele quis dizer é que não devemos buscar a salvação dependendo dos outros. Devemos desenvolver nossa própria confiança em

nós mesmos. Que conselho maravilhoso e nobre! Você talvez agora pergunte: “Por que dizemos ‘Buddham saranam gaccami’?” (Ao Buddha eu vou como refúgio?).

Quando dizemos isso, não queremos dizer que dependemos do Buddha. Queremos dizer que, se seguirmos o Método ensinado pelo Buddha, desenvolveremos a confiança para desenvolver nossa própria salvação. Certamente não pensamos que o Buddha virá um dia e nos levará ao “céu” em um voo glorioso.

Algumas pessoas dizem que Buddha era apenas um humano e não um deus. Por que as pessoas deveriam segui-lo? Eles não conseguem entender que os budistas não esperam sua salvação diretamente do Buddha, mas praticando o nobre método ensinado por ele. O Método do Buddha desde o início foi nos treinar sobre como trabalhar para o desenvolvimento da autoconfiança treinando nossas mentes. O autoesforço e a autorrealização são o único caminho para a salvação.

Qualquer um pode ficar diante do Buddha com dignidade e não ser como um escravo. Com esperança e confiança, pode-se determinar o próprio destino. O Buddha irá recebê-lo se você permanecer como um ser humano digno. Mas você deve estar preparado para ser razoável e ouvir argumentos sensatos que são contraditórios às suas crenças e ter observação correta. Essa deve ser a atitude de compreender as pessoas. Quando ele estava prestes a falecer, muitas pessoas importantes, príncipes, ministros e até mesmo seres divinos vieram homenageá-lo com flores, mas o Buddha instruiu seu assistente Ānanda a dizer-lhes que se alguém quisesse honrar seu mestre, eles teriam que seguir seus ensinamentos. Isso mostra que ele não queria glória pessoal para si mesmo ou exigir submissão total ao seu poder.

Imparcialidade

Depois de perceber a verdade, as pessoas compreensivas tentam cultivar suas mentes para se protegerem. Elas não aceitam nem rejeitam o que é dito por alguém. Krishnamurti diz que aqueles que sempre dependem das ideias dos outros são seres humanos de segunda classe. Não aceite ou acredite em

nada que seja ensinado como prática religiosa e, ao mesmo tempo, também não o rejeite completamente. Certas coisas que aceitamos como verdadeiras, podemos descobrir mais tarde como falsas. Por outro lado, podemos ser forçados a admitir que certas coisas que inicialmente rejeitamos podem ser verdadeiras, afinal. É por isso que o Buddha nos aconselhou a esperar um tempo e estudar, pensar, observar, investigar antes de decidir se há alguma verdade em algo que ouvimos e se devemos aceitá-lo ou rejeitá-lo. Ao confiar em nossas emoções, fé cega ou ansiedade, podemos aceitar certas coisas ou até mesmo ser céticos. Como resultado da preguiça ou confusão da mente, podemos rejeitar ou não acreditar em algo que ouvimos. Mas devemos dar uma chance para a mente pensar e entender se é verdade ou não.

Fé

A mera fé não tem sentido porque a fé deve ser temperada com o entendimento que vem do treinamento da mente. O principal objetivo de uma religião deve ser mostrar a um seguidor como usar seu conhecimento com compreensão crítica para maximizar sua sensação de bem-estar e auto-realização. Não importa quanto conhecimento tenhamos, se não desenraizarmos as impurezas e dúvidas de nossas mentes, permaneceremos em um estado infeliz. Quando atingimos o mais alto estado de pureza (*estado de arahant*), erradicamos completamente nossos desejos, raiva, ilusão e estabelecemos total equanimidade da mente. É então que os “puros” chegam a um estado em que não podem criar nenhum pensamento ruim. Eles não podem proferir palavras duras ou cometer ações malignas. Aquele que purificou sua mente é cem vezes superior àqueles que são poderosos ou àqueles que têm mera fé ou conhecimento e chafurdam nas impurezas da mente. Afirmamos ser “civilizados”, mas como podemos afirmar isso quando nossas mentes mostram traços impuros da mesma forma que nossos ancestrais “primitivos” o fizeram há milhares de anos?

Em todo o mundo, as pessoas se aglomeram em templos, igrejas, mesquitas e outros locais de culto para orar, fazer sacrifícios, fazer penitência. Mas quando elas saem de lá, elas têm a mesma raiva, desejo, ciúme, rancor e inimizade que tinham antes. As pessoas afirmam ser “religiosas” quando

oram, adoram e realizam cerimônias religiosas, mas suas mentes permanecem egoístas e desonestas. Se forem verdadeiramente religiosas, não discriminarão os outros, nem magoarão e ridicularizarão os outros em suas práticas religiosas. O Buddha tentou abrir nossas mentes para entender as coisas perfeitamente sem desenvolver crenças religiosas fanáticas e discriminação.

Heresia

Outra razão pela qual o ensinamento do Buddha não se enquadra na categoria de uma religião estabelecida é que não há espaço para “heresia” em seu sistema. Uma heresia é algo que desafia a “palavra de Deus”. O Buddha convidou livremente seus seguidores e seus oponentes a desafiar seus ensinamentos de todos os ângulos possíveis, para que não houvesse espaço para qualquer tipo de dúvida a seu entendimento, sem violência ou derramamento de sangue. De fato, na famosa Universidade Budhista de Nalanda (que foi destruída pelas mãos fanáticas de outros religiosos), seguidores das escolas de buddhismo Theravada e Mahayana conviviam, estudavam e debatiam seus diferentes pontos de vista em perfeita harmonia. O Buddha ensinou que se alguém realmente acredita que conhece a verdade, não deve ter medo de ser desafiado, porque a verdade sempre vencerá. Além disso, ele encorajava ativamente qualquer pessoa a desafiar seus ensinamentos. Suas respostas a inúmeras perguntas enriqueceram a doutrina em um vasto campo religioso que foi fielmente registrado por seus discípulos. Hoje somos capazes de responder a qualquer pergunta sobre o buddhismo, simplesmente referindo-nos às explicações do Buddha. O pensamento racional e a importância de convidar a crítica são primordiais no buddhismo.

Ciência

O teste de um ensinamento religioso está em sua conformidade com as descobertas da ciência e a atração que exerce sobre as mentes de pessoas possuidoras de inteligência aguda. Algumas religiões experimentaram certo desconforto, à medida que a ciência revelava suas descobertas. Como resultado, certas modificações ou reinterpretações de suas escrituras

tornaram-se necessárias. A esse respeito, o buddhismo, o ensinamento racional do Iluminado, não enfrenta tal embaraço, pois seus princípios básicos estão em estreita harmonia com as descobertas da ciência. Vamos estudar apenas um exemplo.

À luz dos últimos estudos sobre o átomo, o velho conceito do mundo está mudando radicalmente, assim como o próprio conceito do átomo está mudando. Não há mais matéria como se acreditava no passado: foi reduzida a energia, e até mesmo o conceito de energia está desaparecendo gradualmente e os próprios cientistas não sabem como chamá-la. Eles agora estão chegando à conclusão de que o átomo é apenas um conceito e, por extensão, que o mundo também não passa de uma concepção. Quanto mais eles fazem pesquisas sobre a estrutura do átomo, mais eles parecem estar convencidos dessa conclusão.

No buddhismo, essa teoria foi exposta dezesseis séculos atrás, se não antes. No século IV d.C., o filósofo budhista Asanga desenvolveu uma teoria conhecida como *Vijñapti-mātra* ou *Citta-mātra*, baseada nos textos canônicos originais que enunciam que este mundo é apenas uma concepção, apenas um pensamento, apenas uma ideia. Para provar essa teoria, Asanga teve que definir o átomo, e sua definição, feita há mil e seiscentos anos, ainda é válida até hoje. O átomo (*paramanu*) deve ser entendido como não possuindo um corpo físico (*nissarira*). A determinação da natureza do átomo é feita pelo intelecto através da análise última da massa da matéria. Claro, o interesse de Asanga não estava na física, mas na metafísica e na filosofia. Seu interesse era mostrar que esse mundo, que as pessoas comuns tomam como substância, não era nada real, mas apenas um conceito. Segundo Albert Einstein, quando o universo é analisado não há nada que permaneça como substância, mas apenas vibrações ou ondas.

A doutrina do Buddha Dharma permanece hoje, tão inalterada pela passagem do tempo e pela expansão do conhecimento quanto quando foi enunciada pela primeira vez. Não importa até que ponto o conhecimento científico aumentado pode estender o horizonte mental do homem, dentro da estrutura do Dharma há espaço para a aceitação e assimilação de novas descobertas. Isso ocorre porque o buddhismo não confia em seu apelo em

conceitos limitados de mentes primitivas nem em seu poder na negação do pensamento.

Milagres

A ciência hoje não nega a possibilidade de milagres, como fazia antigamente, mas está começando a aceitar que o que se conhecia como milagres eram apenas manifestações de fenômenos ainda desconhecidos. O próprio Buddha expôs este ponto de vista: para ele os milagres não deveriam ser considerados em si mesmos como demonstração da verdade, mas mostravam apenas um domínio de poderes pouco conhecidos que podem ser desenvolvidos por algumas pessoas. Isso não significava necessariamente que seu possuidor fosse um ser iluminado ou divino.

Sendo assim, o Buddha não apenas ensinou seus seguidores a serem cautelosos no exercício de quaisquer poderes milagrosos que pudessem adquirir, mas também advertiu os outros a não se impressionarem indevidamente com tais exibições. Assim, enquanto outras religiões exploram seus elementos milagrosos ao máximo para convencer as massas, o buddhismo trata todas essas coisas como de importância muito menor e irrelevantes para a tarefa real de desenvolvimento espiritual e emancipação. De acordo com o Buddha, o maior milagre é a conversão de um homem ignorante em um homem sábio.

A esse respeito, Swami Vivekananda diz: “A ideia de seres sobrenaturais pode despertar, até certo ponto, o poder de ação no homem, mas também traz dependência; traz medo; traz superstição. Degenera em uma crença horrível na fraqueza natural do homem”.

A atitude científica e o conteúdo do buddhismo levaram Albert Einstein a dizer que “se existe alguma religião que possa lidar com as necessidades científicas modernas, seria o buddhismo”.

Ética e Sociedade

Outro aspecto importante do buddhismo como religião mundial é sua atitude em relação aos problemas sociais, econômicos e políticos. Pessoas

desinformadas geralmente tendem a considerar esta religião como uma fuga ou retirada da vida ativa, retirando-se para um templo, ou para uma caverna ou para uma floresta e levando uma vida isolada da sociedade. Isso, no entanto, é devido à falta de compreensão, pois o próprio Buddha foi uma das pessoas mais trabalhadoras que já viveu neste mundo. Ele dormia apenas duas horas e meia por noite e o resto do tempo trabalhava. Ele caminhou por toda a Índia, conheceu pessoas de todas as esferas da vida, conversou com elas e as ensinou. Ele não falava sobre o Nirvãna o tempo todo e para todos que encontrava. Ele falava de acordo com seu modo de vida e níveis de compreensão. O Buddha disse que não esperaria que um iniciante percebesse a nobre verdade mais elevada de uma só vez. Ele disse que seu caminho era gradual. Portanto, ajudar as pessoas de várias maneiras de acordo com seu padrão ou evolução e progresso, faz parte desta religião. Uma vida social, econômica e política ativa não pode ser separada da verdadeira vida religiosa.

Na religião do Buddha encontra-se um sistema abrangente de ética e uma metafísica transcendental que abrange uma psicologia sublime. Satisfaz todos os temperamentos. Para os simples, oferece um código de moralidade, uma adoração deslumbrante e até mesmo uma esperança de vida no céu; para o devoto sincero, um sistema de pensamentos puros, uma filosofia elevada e ensinamentos morais que levam à iluminação e à libertação de todos os sofrimentos. Mas a doutrina básica é a autopurificação do homem. O progresso espiritual é impossível para aquele que não leva uma vida de pureza e compaixão.

Em sua forma organizada, como uma religião popularmente praticada pelas massas, com muitas cerimônias, procissões e festivais que incorporam vários costumes e tradições, o buddhismo oferece ampla motivação, experiência e material para a educação. Funções familiares, cerimônias de aldeia, apresentações culturais e eventos como nascimentos, casamentos, óbitos e serviços memoriais fornecem educação de maneira informal. As crianças aprendem a maior parte de seus costumes, maneiras, cultura, valores e até mesmo aspirações observando ou participando dessas atividades educacionais não formais. Jovens e adultos também ganham com eles.

Além do nível pessoal e da emancipação do indivíduo, o buddhismo reconhece a família como uma unidade da sociedade e da nação. Assim, para o chefe de família comum cujo objetivo mais elevado consiste em obter satisfação material aqui e ir para o céu no além, o buddhismo fornece um código simples de moralidade — conforme contido no Sigalovada Sutta — cuja prática fortalecerá a solidariedade de uma comunidade. Isso mantém as relações corretas entre seus familiares, empregadores e empregados.

Em outro discurso, o Buddha deu dez tipos de conselhos para as pessoas respeitarem e cumprirem seus deveres e responsabilidades para com seus pais, filhos, maridos e esposas, parentes, anciãos, os seus entes falecidos, devas (*deidades*) e viverem em harmonia em sociedade sem se tornarem incômodos para o público, tendo assim uma vida irrepreensível.

Tal ensinamento tem como objetivo o bem-estar de todos os membros de uma sociedade e proporciona a prática diligente da ação amigável que é a marca de um ser verdadeiramente social. Por outro lado, a pessoa avançada que percebe os entraves da vida doméstica (um caminho maculado pelas paixões), pode recorrer a um código moral e ético superior, conforme contido nas regras da Ordem Sagrada, conhecido como Vinaya. Eles o capacitarão a levar uma vida de pureza, santidade e renúncia livre de distrações mundanas.

Moralidade

A moral buddhista é baseada na liberdade e na compreensão. Como a moralidade surgiu da necessidade de autopreservação da sociedade, ela deve necessariamente se adaptar aos tempos e circunstâncias em mudança. A moralidade é, portanto, relativa. Com efeito, não pode haver moralidade ou conceito ético se for fundamentado na compulsão ou interferência de qualquer agente exterior ao próprio indivíduo. O indivíduo deve concordar livremente com qualquer restrição imposta a ele para que a moralidade seja realmente efetiva.

O Amor Compassivo (*mettā*) é a base de toda conduta moral e ética no buddhismo. Dessa compaixão surgem todos os preceitos éticos e morais,

serviço social, justiça social, bem-estar social. Igualdade, fraternidade, tolerância, compreensão, respeito pela vida, respeito pelas opiniões dos outros, respeito pelas religiões dos outros, tudo isso tem suas raízes no Amor Compassivo. Com base neste grande e nobre princípio, o buddhismo sempre foi uma religião de paz. Sua longa história está livre das máculas de guerras religiosas, perseguições religiosas e inquisições. O buddhismo, a esse respeito, é único na história das religiões. Do nobre exemplo do Buddha neste assunto, Swami Vivekananda diz em suas palestras sobre karmayoga: “Toda a raça humana produziu apenas uma pessoa assim, uma filosofia tão elevada, uma simpatia tão ampla. O grande filósofo, pregando a filosofia mais elevada, ainda tem a mais profunda simpatia pelos animais inferiores e nunca apresenta uma reivindicação para si mesmo. Ele é o Karma Yogi ideal, agindo inteiramente sem motivo, e a história da humanidade mostra que ele foi o maior homem que já nasceu, sem comparação, a maior combinação de coração e cérebro que já existiu.”

A respeito de seu código social e moral, o filósofo alemão Prof. Max Muller disse: “O código moral buddhista considerado por si só é um dos mais perfeitos que o mundo já conheceu.”

Nesse ponto, todos os testemunhos de áreas hostis e amigáveis concordam; podem ter havido filósofos, pregadores religiosos, metafísicos sutis, os concorrentes podem ter existido, mas onde encontraremos tal encarnação do amor, amor que não conhece distinção de casta, credo ou cor, um amor que transbordou até os limites da humanidade, que envolveu todos os seres sencientes em sua extensão, um amor que incorporou o evangelho da bondade universal (*mettā*) e não-violência (*ahimsa*)?

Albert Schweitzer diz: “Nesta esfera, o Buddha deu expressão a verdades de valor eterno e avançou a ética não apenas da Índia, mas da humanidade. O Buddha foi um dos maiores homens éticos e geniais já concedidos ao mundo”.

Além disso, o Prof. Rhys Davids observou que o estudo do buddhismo deve ser considerado uma parte necessária de qualquer curso ético e não deve ser descartado em uma ou duas páginas, mas receber seu devido reconhecimento na perspectiva histórica da evolução ética.

Desenvolvimento Econômico

Dentro de uma estrutura budhista, a possibilidade de desenvolvimento econômico em uma base dinâmica e significativa está recebendo maior atenção nos países mais ricos, bem como nos países em desenvolvimento. A teoria moderna do desenvolvimento falhou em lidar com os crescentes problemas ambientais e sociais na maioria das sociedades desenvolvidas e o budhismo oferece uma saída para esse impasse.

O Cakkavatti Sihanada Sutta no Dīgha Nikāya afirma claramente que a pobreza é a causa do crime e da imoralidade. O Buddha e seus discípulos ensinaram às pessoas o valor de ganhar riqueza e a importância do desenvolvimento econômico para seu bem-estar e felicidade. No Kutadanta Sutta (no Dīgha Nikāya), o Buddha também expôs que crimes como roubo não podem ser interrompidos por punição. Para que tais crimes sejam adequadamente controlados e interrompidos, devem ser oferecidas oportunidades para que as pessoas se envolvam alegremente em suas ocupações para que possam levar uma vida confortável.

Segurança econômica (*atthi-sukha*), Gozo da riqueza (*bhoga-sukha*), liberdade de dívidas (*anana-sukha*) e levar uma vida sem falhas (*anavajja-sukha*): esses são quatro tipos de felicidade para um leigo. Habilidade na ocupação (*utthana sampada*), proteção da riqueza (*arakkha sampada*), associação com bons amigos (*kalyana mittata*), gasto proporcional à renda (*sama jivikata*): esses quatro são considerados conducentes ao bem-estar das pessoas neste mundo.

Muitas ideias para o avanço da sociedade, bem como deveres e obrigações tanto da família quanto da sociedade para benefício mútuo, são mencionados em discursos como Sigalovada, Parabhava e Vasala Suttas.

É evidente nos comentários do Dhammapada que o Buddha dirigiu sua atenção até mesmo para o grave problema do governo por meio da compaixão (*karuna*), com o objetivo de promover uma forma de justiça que não prejudicasse e ferisse as pessoas. A justiça deve evitar o sofrimento sob a tirania e os pesados impostos impostos a eles por governantes injustos.

O buddhismo ensina que um país deve ser governado de acordo com os Dez Deveres do Rei (*dasa raja dharma*), a saber: liberalidade (*dāna*), moralidade (*sīla*), dando tudo para o bem do povo (*pariccaga*), honestidade e integridade (*ajjava*), bondade e gentileza (*madduva*), austeridade nos hábitos (*tapa*), liberdade de ódio, má vontade, inimizade (*akkodha*), não-violência (*avihimsa*), paciência, indulgência, tolerância, compreensão (*khanti*) e não oposição, não obstrução, ou seja, não obstruir quaisquer medidas conducentes ao bem-estar das pessoas (*avirodha*).

Desta forma, o Buddha e seus discípulos ensinou ideias tão importantes relativas à saúde, saneamento, ganhar riqueza, relacionamentos mútuos, bem-estar de sociedade, e justo governo — tudo para o bem das pessoas.

Madame H.P. Blavatsky, presidente da Sociedade Teosófica no final do século 18, disse: “O Buddha foi o primeiro a incorporar essa elevada ética em seus ensinamentos públicos e a torná-los o fundamento e a própria essência de seu sistema público. É aqui que reside a imensa diferença entre o buddhismo exotérico e todas as outras religiões. Pois enquanto em outras religiões o ritualismo e o dogma ocupam o primeiro e mais importante lugar, no buddhismo é a ética que sempre foi a mais insistida.”

Governo

Mesmo o sistema parlamentar de hoje tem forte semelhança com as práticas conhecidas no buddhismo. Como revela o Marquês de Zetland, um ex-vice-rei da Índia: “É de fato aos livros budistas que devemos nos voltar para um relato da maneira pela qual os assuntos dos primeiros exemplos de instituições autogovernadas representativas foram conduzidos. E pode ser uma surpresa para muitos sabermos que nas assembleias de budistas na Índia, há 2.500 anos ou mais, encontram-se os rudimentos de nossa própria prática parlamentar dos dias atuais. A dignidade da assembleia foi preservada pela nomeação de um oficial especial — o embrião do Sr. Porta-Voz em nossa Câmara dos Comuns. Um segundo oficial foi nomeado para garantir que, quando necessário, o quórum fosse assegurado — o protótipo do Chefe do Partido Parlamentar em nosso próprio sistema. Um membro iniciando negócios o fez na forma de uma moção que foi então aberta à

discussão. Em alguns casos, isso foi feito apenas uma vez, em outros três vezes, antecipando assim a prática do Parlamento de exigir que um projeto de lei seja lido uma terceira vez antes de se tornar lei. Se a discussão revelasse uma diferença de opinião, o assunto era decidido pelo voto da maioria, sendo a votação por cédula”.

Felicidade

Esta não é uma religião para as pessoas apenas seguirem, mas para aprender, entender e praticar para ganhar experiência e bem-aventurança.

Um dia, enquanto o Buddha caminhava pela floresta, ele pegou um punhado de folhas e declarou que o que ele havia ensinado era como aquelas folhas em sua mão. O Dhamma em sua totalidade era como todas as folhas de toda a floresta. O Dhamma é tão inimaginavelmente vasto que o Buddha ensinou apenas o essencial que era necessário para a tarefa imediata em mãos, ou seja, acabar com o sofrimento e obter a libertação. O Buddha nos disse como nos livrar desse sofrimento. O resto do conhecimento mundano não é importante. Devido à ignorância, passamos vidas inteiras tentando lidar com o sofrimento, as preocupações, as queixas e os conflitos. Isso ocorre porque não entendemos a verdadeira natureza da existência e as causas do sofrimento. Por exemplo, tomemos as três características de Impermanência (*anicca*), Insatisfação (*dukkha*) e Insubstancialidade (*anatta*). Todo o Universo compartilha dessas características. Nenhum poder pode deter o processo de mudança que está presente desde o momento em que nascemos, e é aí que reside a causa do sofrimento. Precisamos de pouco mais para nos convencer sobre a raiz dos problemas do sofrimento.

O que queremos da vida? Como podemos obter felicidade? A insatisfação e, conseqüentemente, a infelicidade vêm de não percebermos que tudo é mutável e sujeito à degradação. Esta é a lei universal. Mas devido à nossa ignorância e crença errônea em um eu, queremos continuar vivendo em um estado permanente sem nunca mudar. Isso nunca pode acontecer. Queremos manter nossa riqueza, nossa propriedade, nossa saúde, nossa juventude. Mas um dia tudo isso pode ser varrido como a chama de uma vela sendo

apagada pelo vento. Quando percebemos que nossa beleza está sendo substituída por rugas e cabelos brancos, ficamos preocupados e infelizes porque nos recusamos a aceitar a natureza mutável das coisas.

O Buddha nos ensina a refletir sobre esses assuntos para que possamos entender e remover a fonte de nossa infelicidade. O ensinamento do Buddha iluminou o caminho para a humanidade passar de um mundo cego pela superstição, ódio e medo e alcançar um novo mundo de luz, amor, felicidade e dignidade. Sir Edwin Arnold descreveu o Buddha dessa maneira, em seu poema “Luz da Ásia”:

“Este é o florescimento da nossa árvore humana

Que abre em muitos uma miríade de anos

Mas uma vez aberta, enche o mundo

com o perfume da sabedoria

e o mel brotado do amor”

Impermanência e Morte

Quando somos jovens, devemos considerar que, embora sejamos jovens, com o tempo envelheceremos. Quando estamos saudáveis devemos pensar que com o tempo podemos adoecer. A saúde não é permanente. Quando nos prepararmos sabiamente para a degradação, o envelhecimento, a doença e finalmente a morte, não serão tão difíceis de suportar. Compreendendo que essas são condições mundanas que todos devem enfrentar, podemos suportar qualquer sofrimento com firmeza. Esta é a força, o ‘refúgio’ que o Buddha promete. Há aqueles que resmungam e choram quando o infortúnio os atinge. Isso não passa de falta de compreensão. Reclamar sobre isso não fará com que o sofrimento desapareça.

Para evitar a dor que o infortúnio pode trazer, devemos fortalecer nossas mentes por meio da compreensão.

Não há nada nem ninguém que tenha surgido que possa escapar ao processo natural de “chegar ao fim”. Tem que haver um fim. Caso contrário, as coisas não podem existir. Não precisamos ter medo desse fenômeno perfeitamente natural. Todos podemos considerar que mesmo na morte não é o fim da vida, mas apenas o começo de outra. Sabemos, com o poeta Wordsworth, que: “A alma que nasce conosco, a estrela de nossa vida, teve seu pôr-do-sol em outro lugar, vem de longe”. Quando desaparecemos fisicamente deste mundo, a vida aparece em outro lugar — então por que se preocupar? Não estamos simplesmente obtendo um novo passaporte em nossa jornada pelo samsāra?

Nações crescem e morrem; impérios surgem e desmoronam; poderosos palácios são construídos e desmoronam no pó — assim é o caminho do mundo. Lindas flores desabrocham e atraem a todos que passam; mas, no dia seguinte, elas desbotam e secam. Suas pétalas caem uma a uma e logo são completamente esquecidas. Todos os prazeres e altas realizações do mundo são apenas um espetáculo momentâneo. Aquele que sente prazer com isso tem que lamentar e chorar quando elas se vão, e passa por muito sofrimento. Já que nada dura neste mundo, não se deve esperar obter dele a felicidade final. O conselho do Buddha é contemplar essa transitoriedade do mundo e as várias formas de insatisfação latentes em todos os fenômenos mundanos existentes.

Este mundo, o sol, a lua, as galáxias, o próprio universo estão todos sujeitos à mesma lei inexorável da impermanência.

Se seguirmos os ensinamentos do Buddha, não ficaremos transtornados com a perspectiva de nos separarmos de entes queridos, propriedades e riquezas. Isso não significa que os budistas não devam experimentar os prazeres mundanos. Devemos seguir o Caminho do Meio. Podemos obter prazeres com moderação, sem violar os princípios morais, sem nos tornarmos escravos deles, mas com a compreensão de que isso não deve impedir o desenvolvimento espiritual.

Maridos e esposas, pais e filhos, desenvolvem fortes apegos um pelo outro. Isso é perfeitamente natural. É importante para eles quando se leva uma vida no mundo. Ao mesmo tempo, porém, devemos encarar o fato de que

esse mesmo apego é a fonte de enorme dor e sofrimento. Pode até levar ao suicídio. Para erradicar os problemas, deve-se permitir que o apego se desenvolva com compreensão. É dever de cada um desenvolver os afetos sabendo que um dia haverá a separação. Sob essa condição, a pessoa saberá como lidar com a separação quando ela acontecer. A pessoa evitará a loucura e o suicídio simplesmente porque treinou a mente.

O Buddha contribuiu para a humanidade ao nos dar consolo, ajudando-nos a perceber como surgem todos os nossos problemas e como enfrentá-los. Rezar para forças externas pode levar a soluções temporárias e proporcionar momentos transitórios de paz. Mas é como tomar dois analgésicos quando você está com dor de cabeça. Depois de três horas, a dor voltará porque a dor de cabeça não é a doença, mas apenas o sintoma. Analgésicos não são remédios para doenças. Aqueles que entendem estão em posição de remover a causa do sofrimento. O ensinamento do Buddha nos dá essa compreensão.

Conclusão

Espero que esta introdução tenha mostrado a você como o buddhismo se destaca como um sistema de prática religiosa. O Buddha foi um grande e eficaz Professor e Médico. Ele lembrava constantemente a seus seguidores que seu único objetivo era ensinar as pessoas a entender a natureza do sofrimento ou insatisfação e como erradicá-lo. Ele prometeu felicidade nesta mesma vida para aqueles que seguem seu nobre método com determinação e entendimento correto.

É muito lamentável que em muitas religiões existentes os seguidores não sejam encorajados a respeitar os líderes de outra religião. Eles são avisados de que, se o fizerem, estarão cometendo um pecado e, pior ainda, irão para o inferno por isso. O Buddha nos diz claramente que devemos respeitar aqueles que são dignos de respeito. Embora possamos não concordar com certos pontos de vista religiosos que eles defendem, se eles são sinceros em seus esforços para servir a humanidade e elevá-la, devemos respeitá-los por isso. Existem pessoas nobres em todas as religiões.

O Buddha não aconselhou seus discípulos a saírem pelo mundo e converterem pessoas que, de outra forma, iriam para o inferno. Em vez disso, ele os aconselhou a mostrar ao mundo o que é certo e o que é errado, ser bom e fazer o bem, para encorajar os homens a virem e verem por si mesmos a verdade que ele ensinava.

Ele e seus seguidores não condenam os seguidores de outros religiosos como “pecadores” que estão condenados a passar a eternidade no inferno.

De acordo com os budistas, mesmo aqueles que “não têm religião”, mas que têm uma vida digna, com compaixão e benevolência, podem “ir para o céu”, ou seja, experimentar felicidade.

Quando estamos felizes e contentes, estamos no “céu”. Quando sofremos física ou mentalmente, estamos no “inferno”. Não há necessidade de esperar a morte para experimentar qualquer um desses estados.

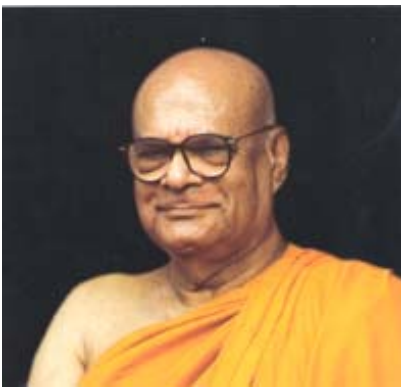
O buddhismo é único porque podemos falar sobre essa “religião” mesmo sem qualquer referência ao céu ou inferno. Tenho certeza de que outros não podem falar sobre religião dessa maneira.

A mensagem de boa vontade e compreensão do Buddha para todos os seres é uma mensagem universal. O mundo hoje precisa desta nobre mensagem mais do que nunca na história da humanidade.

O buddhismo como religião é a exposição única da verdade absoluta que mostrará ao homem como viver em paz e harmonia com seus semelhantes.

SOBRE O AUTOR

Venerável K. Sri Dhammananda



K. Sri Dhammananda foi um dos mais importantes monges budhistas atuando no extremo do sudeste asiático. É difícil descrever o impacto e significado do Ven. Dhammananda na vida budhista da Malásia e Cingapura. Respeitado igualmente pelas comunidades Theravāda, Mahāyāna e civil, o “Chefe”, como era conhecido, efetivamente dominou o cenário budhista das últimas décadas. Suas obras

educacionais, sociais, comunitárias, literárias, fizeram de K. Sri Dhammananda um ícone do Budhismo da Malásia, país que escolheu para viver.

Nascido no Sri Lanka em 18 de março de 1919, aos 12 foi ordenado como noviço, recebendo o nome de Dhammananda (“Bênção do Dhamma”).

Diplomou-se no Vidyalkara Pirivena College de Colombo, aos 26 anos, em pali, sânscrito, filosofia budhista e cânone pāli, e mestrado em filosofia budhista na Benares Hindu University.

K. Sri Dhammananda chegou no Buddhist Vihara em Brickfields, Kuala Lumpur (capital da Malásia), em 1952, e 10 anos depois fundou a Buddhist Missionary Society (BMS). Escreveu cerca de 70 livros, os quais foram traduzidos em mais de 17 línguas. Temos o grande deleite de ver agora sua mais famoso livro também na língua portuguesa. Em 1965, o Ven. K. Sri Dhammananda foi indicado como Chefe Supremo da Sangha da Malásia e Cingapura.